

ACM já vê César como opção a FH

Cacique do PFL vem ao Rio, afaga prefeito e enterra possibilidade de aliança local com PSDB

Marco Antônio Rezende

Cátia Seabra

O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) esteve ontem no Rio para imprimir caráter nacional ao sucesso do prefeito César Maia, que fez do estreante Luiz Paulo Conde seu sucessor, nas eleições do Rio. Apontando César como potencial candidato à Presidência da República caso não seja aprovada a emenda da reeleição (o que considerou uma possibilidade remota), Antônio Carlos ironizou o esforço dos tucanos que vieram à cidade para pedir votos para o candidato derrotado, Sérgio Cabral Filho.

— Não fiz campanha aqui para não marcar o contraste: eu vitorioso e eles (os tucanos) derrotados — disse.

Depois de ouvir, durante o almoço, lamentações do prefeito sobre o comportamento do alto tucanato ao longo da campanha, Antônio Carlos já elegeu César o novo governador do estado. E enterrou de vez a possibilidade de aliança de tucanos e pefelistas do Rio em 1998. Disse que essa união não acontecerá, mesmo com o PFL apoiando a reeleição de Fernando Henrique Cardoso.

— Não tem aliança na Bahia. Aqui, não vai ter, não. Não vamos tolher qualquer candidatura do nosso partido para reproduzir essa aliança nacional.

Antônio Carlos aposta tanto as fichas em César que até debochou da idéia do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf (PPB), de lançar a candidatura do ministro Francisco Dornelles ao Palácio Guanabara. Para o senador, como Dornelles não teria chances de vencer, Maluf só propôs isso para se vingar do ministro, que dentro do PPB faz oposição ao prefeito de São Paulo, por defender a reeleição de Fernando Henrique.

— Mas Dornelles é sabido. Não vai aceitar o convite — desdenhou.

Para ACM, Inocêncio não tem vez na Câmara porque Senado já será do PFL

Enquanto afagava César, o senador aproveitava para enquadrar outro pefelista, o deputado Inocêncio de Oliveira (PE), que insiste em se candidatar à presidência da Câmara. Interessado na presidência do Senado, Antônio Carlos descartou as chances de Inocêncio ao manifestar a intenção de manter o acordo com o PMDB, revezando peemedebistas e pefelistas no comando das duas casas. Como o PFL ocupa a presidência da Câmara, agora seria a vez do PMDB.

— Quando digo que é um partido em cada casa, é óbvio que, na Câmara, o presidente não será o Inocêncio — garantiu Antônio Carlos, acrescentando que nem pensa em desistir da presidência do Senado.

Mesmo assim, Inocêncio está em campanha. Terça-feira, em Brasília, ele se reunirá com a bancada do partido, que divulgará um manifesto em favor de sua candidatura. A idéia de concorrer à presidência da Câmara será oficializada num jantar quarta-feira. Dizendo que conta com 98% dos votos do bloco PFL-PTB, Inocêncio pressiona os peemedebistas: diz que só retira a candidatura se o PMDB também desistir de disputar a presidência do Senado:

— O PFL não aceita o papel de mulher de malandro, apanhando na Câmara e no Senado. Se eles batem na gente lá (Senado), nossa candidatura aqui está mantida — disse Inocêncio.

A presença do maior líder do PFL logo após a eleição surpreendeu até os pefelistas do Rio. O roteiro de Antônio Carlos começou de manhã, num café da manhã no hotel Caesar Park, em Ipanema. De lá o senador visitou dois projetos do Favela Bairro, no Caju e na Ilha do Governador. Depois, sobrevoou de helicóptero as obras da Linha Amarela. Apesar do calor, o senador caminhou por quase duas horas pelas favelas e nem se constrangeu quando os ciceroes foram lhe mostrar um dos banheiros do complexo desportivo do Parque Royal: ao abrir a porta, descobriram que estava ocupado.

Sobre a privatização da Vale, o único ponto de falta de sintonia

Assumidamente em campanha, César se sentiu prestigiado. Sorridente, abraçou crianças, distribuiu doces e até conversou com um dos moradores da Ladeira dos Funcionários, no Caju, sobre a compra de seu novo casaco Lacoste. Anfitrião e hóspede brincaram ao perceberem que caminhavam por uma rua chamada Bahia.

Antônio Carlos fez questão de frisar que a cidade “é outra” depois de César (e o tucano Marcello Alencar foi seu antecessor). César brincou ao comentar a intenção de Marcello de ter o PSDB na cabeça de uma chapa com o PFL pelo Governo do Rio:

— Que cabeça? Ele não tem mais cabeça — provocou.

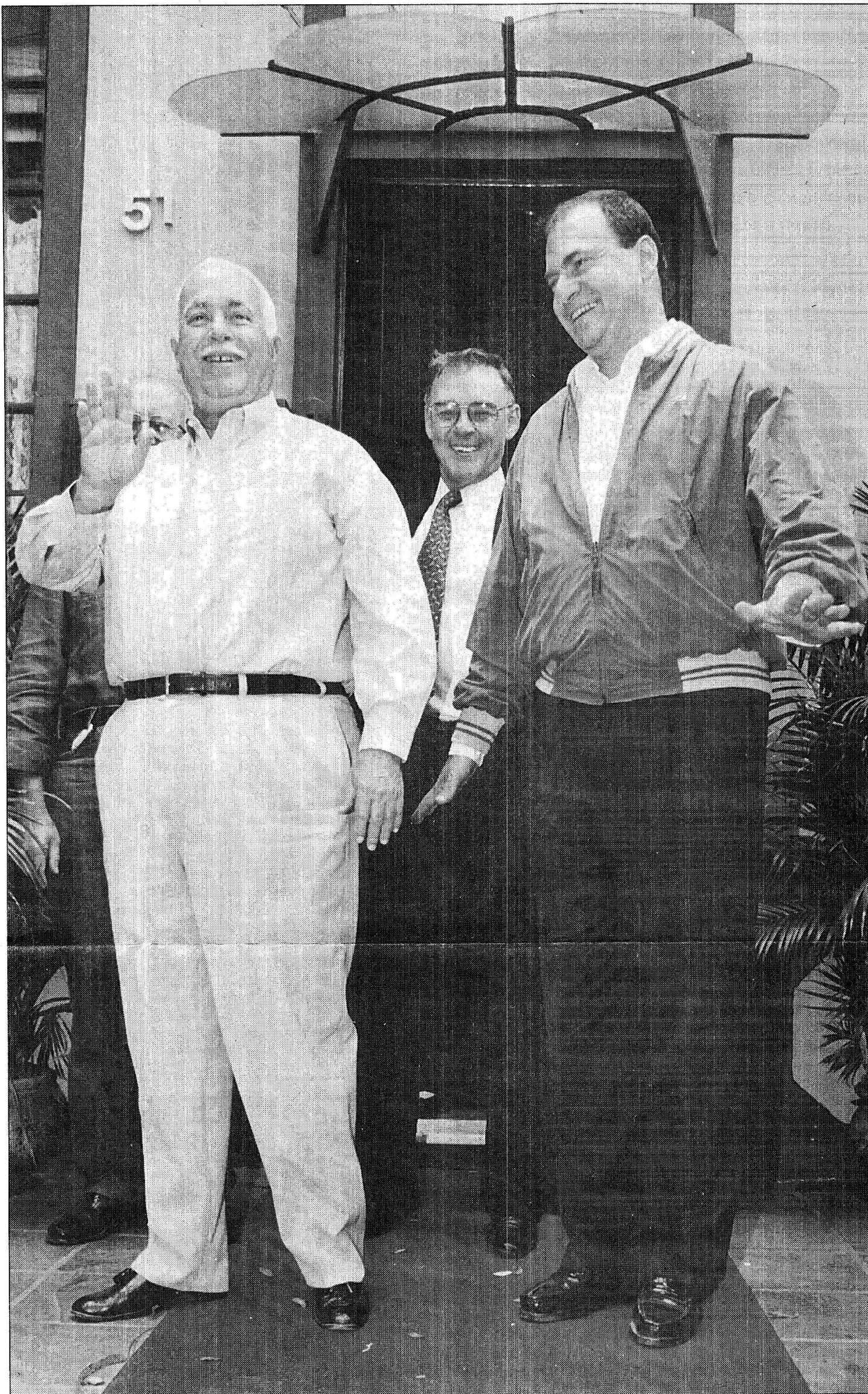
Apesar da troca de elogios — “César é um líder nacional do PFL”, repetia o baiano — os dois provaram que discordam quando o assunto é a privatização da Vale. Antes de se despedir do senador, César deu-lhe um artigo seu, publicado no GLOBO, no qual condena a venda da estatal, que, na sua opinião, tem capacidade de endividamento maior do que o próprio Governo.

— A não-privatização da Vale é a posição liberal correta — pregou César, chamando de desvio dutrista o modelo de privatização proposto pelo Governo federal.

Já Antônio Carlos disse que vai conversar na próxima semana com Fernando Henrique sobre a privatização da estatal. Para a venda, o senador defende a adoção do projeto do deputado Cunha Bueno (PPB-SP), que prevê a liberação do FGTS para trabalhadores brasileiros interessados em comprar ações. Segundo ele, seria uma solução para a ameaça de desnacionalização da Vale:

— Sou a favor de privatizar, entregando ao público e pulverizando as ações. Aí não tem perigo. Você entrega ao brasileiro.

Mas este foi único ponto de discórdia entre os dois. Elogiando a administração de César, Antônio Carlos disse que, nos próximos dez dias, o prefeito eleito de Salvador virá ao Rio para estudar como importar o Favela Bairro. E terminou a visita abonando a ficha de filiação de Rodrigo Maia, filho do prefeito. ■



SORRIDENTES APÓS o almoço, Antônio Carlos e César Maia, acompanhados de Arolde Oliveira, deixam um restaurante no Jardim Botânico